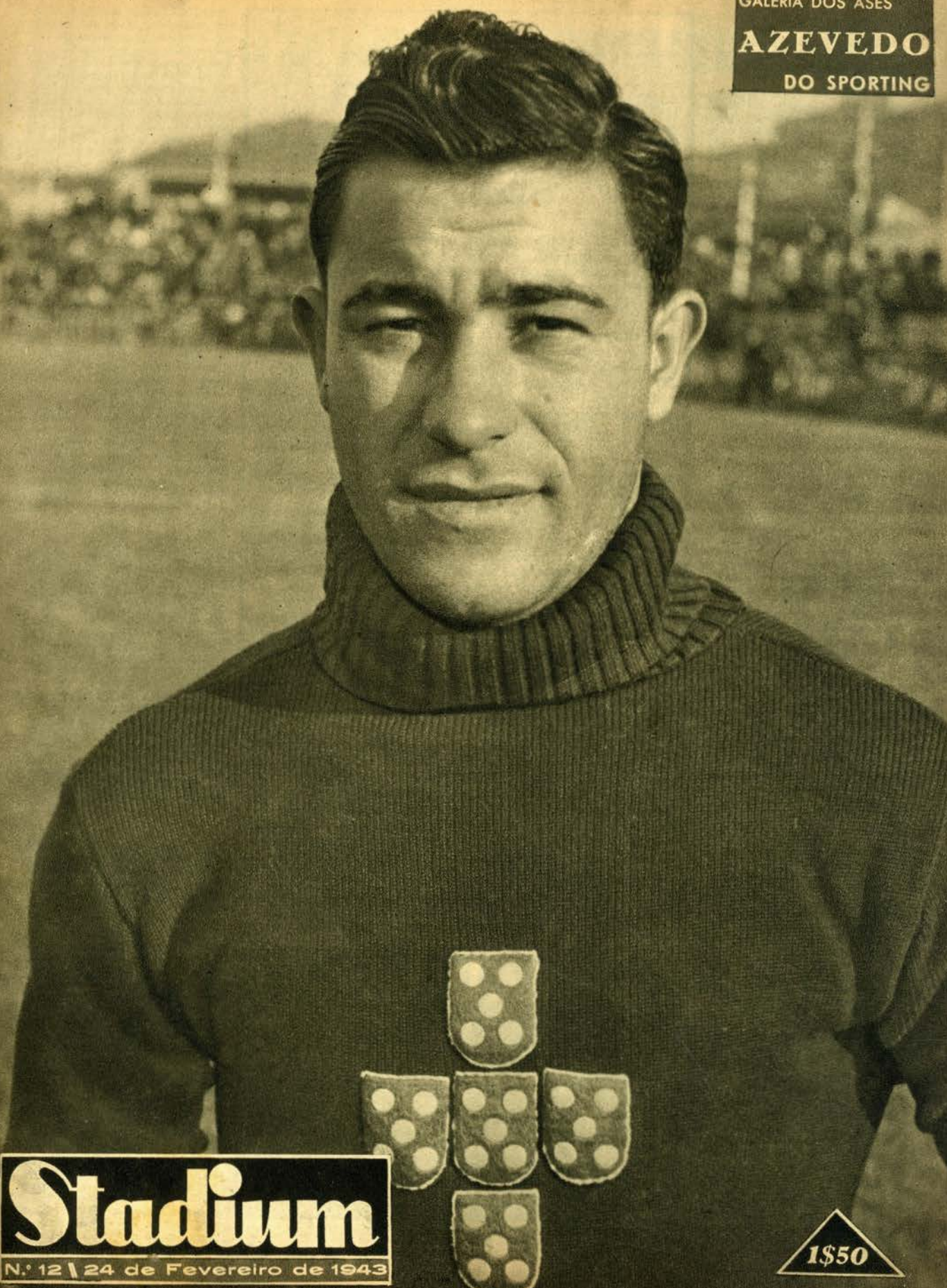


GALERIA DOS ASES
AZEVEDO
DO SPORTING



Stadium
N.º 12 \ 24 de Fevereiro de 1943

1\$50

A rivalidade desportiva chega a ser necessária — como estímulo. Não deve, porém, exceder certos limites. O que se está fazendo, agora, no Barreiro, excede esses limites.

Em dois domingos seguidos, marcaram-se desafios, à mesma hora, para dois campos. Não sabemos se houve muita gente no campo do Barreirense. Mas no campo de Santa Bárbara, houve, manifestamente, falta de público.

Não vieram a pena averiguar a quem pertence a culpa de tal atitude. Por nossa parte, basta que registemos os resultados. E esses são deploráveis.

DEPLORAVEL foi também a coincidência que fez reunir, num mesmo número do nosso prezado colega «O Século», quatro notícias de incidentes ocorridos, por motivo do futebol, em diferentes pontos do país. Na Nazaré, agressão ao árbitro. Em Montemor-o-Novo, apedrejamento da camioneta do regresso de jogadores, ficando ferido o próprio presidente da respectiva associação regional; em Oliveira de Azeméis, desordem; e em Ventosa do Bairro, próximo da Mealhada, autêntico arraial de pancadaria.

E preciso meter os desordeiros — na ordem.

NO desafio do Sporting com o Olhanense, a linha média dos «leões» não conseguiu destacar-se. Jogou afirmativamente — em conjunto. E só um jogador se salvou — Cândido.

Comentário de um espectador: numa linha de amados, só o Cândido cantou!

DESAFIOS como os do penúltimo domingo, entre o Belenenses e o Benfica, são grandes jornadas de propaganda para o futebol. Constituem, na verdade, excelentes espectáculos — de desporto.

A luta, com os nervos em vibração intensa, pode não atingir grande relevo técnico. Tem, todavia, grandiosidade.

TEMOS o costume de dizer que os grupos de futebol se caracterizam pela irregularidade das suas exibições. Mas isto é assim por toda a parte. Em Espanha, com um torneio mais demorado que o campeonato de Portugal, os resultados irregulares sucedem-se com certa frequência.

O futebol é um jogo de equipa. A vitória depende por isso da conjugação de esforços. E o conjunto desafia com muita facilidade...

AS perspectivas oferecidas pelo ciclismo, a um mês do princípio de nova época, não são, pois, das mais lisonjeiras — quanto ao número de clubes. E é natural que volte a haver falta de organizadores. O excesso das provas em Espanha pode compensar a falta de provas de independentes. Não é, porém, para todos.

Oxalá, por isso, dêem resultado as negociações para a cimentação da pista do Estádio. As provas de pista, organizadas com seqüência, podem criar novos horizontes ao ciclismo nacional.

REMO

A PROPÓSITO DE PROVAS OFICIAIS

CAMPEONATO DE PORTUGAL

HÁ alguns números, publicou a «Stadium» um «eco» sobre os campeonatos nacionais do corrente ano. Chegara, até nós, a notícia de que o Club Naval parecia disposto a declinar o encargo da sua organização. A notícia ligava-se com trabalhos de preparação para uma possível mudança de local. Os campeonatos, em vez de serem disputados no Tejo, poderiam ser levados para outro rio.

Com o propósito de sabermos mais alguma coisa sobre tal assunto, procurámos informações directamente, junto da direcção do Club Naval de Lisboa. E verificámos, afinal, que a notícia não se confirma. A organização dos campeonatos dêste ano compete ao Naval. Os encargos são pesados, para um clube que vive exclusivamente de cotização dos seus sócios. Mas o Naval, fiel às tradições, não declinou o encargo — nem o declinará.

Os campeonatos dêste ano continuam, pois, marcados para Lisboa, ou seja para o Tejo. A escolha do local, facilitando a representação dos clubes do sul do país, poderá contribuir para que os clubes lisboenses se preparem com tempo e melhor para as provas oficiais da próxima época, permitindo, também, ao público da capital, assistir aos campeonatos do país e ver correr tripulações do norte, algumas delas detentoras de títulos de campeões do país e da península.

Folgamos com a rectificação da notícia, mas reconhecemos que são justas algumas das aspirações para a realização de provas oficiais noutros locais. Aproveitamos a ocasião para registar que uma delas é absolutamente justificada pela excelência do local e pela desvantagem financeira com que tem vindo a fazer a sua representação nos campeonatos regionais e nacionais. Referimo-nos ao Club Naval Setubalense, que há poucos anos ainda se dirigiu, nêsse sentido, aos seus colegas de Lisboa.

O estuário do Sado foi já aproveitado para provas oficiais, na recta que vai das Fontainhas à Cachofarra. É uma boa pista. E o Naval Setubalense tem contribuído grandemente para a expansão do remo e de todos os desportos náuticos na sua região. Merecia, pois, ver atendidos os seus desejos. E seria certamente justo que se lembrassem dêle e de Setúbal — pelo menos para os próximos campeonatos regionais. Seria até uma recompensa — para a cooperação dispensada em anos sucessivos.

ANO XI — LISBOA, 24 DE FEVEREIRO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 12

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», LDA

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3

Telefone 5.1146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ALGUNS clubes espanhóis estão acitando, agora, colaboração de corredores profissionais do ciclismo. Chegou, por exemplo, a constar que o Futbol Club de Barcelona teria uma equipa formidável, com Dêlio Rodriguez, Trueba, Berrendero e Martin. Pelo antigo clube espanhol alinhariam, pois, alguns dos mais famosos estradistas espanhóis. Mas o Barcelona contentou-se com uma representação mais modesta.

Os «asas» são em geral — muito caros.

A época do ciclismo entrou na última fase dos preparativos — com um problema que já foi pôsto, perante os clubes da especialidade, no ano findo — o problema dos carros de apoio. Devido à falta de carburantes, é, na verdade, bastante complexo. Mas ficou resolvido — na parte que respeita às provas de «independentes», visto que o Sporting e a Iluminante dispõem de carros próprios para o efeito. E apenas esses clubes terão corredores independentes.

Por acôrdo entre a direcção da União Velocípica e os delegados dos clubes da capital, ficou assente: quanto às provas dos iniciados e amadores, que se disputem unicamente em circuitos pequenos, de modo a não haver carros de apoio; quanto às corridas para independentes, manter os percursos tradicionais.

DURANTE os trabalhos relativos à reunião havida na U. V. P., verificou-se que o Belenenses não terá este ano secção de ciclismo, e que o Rio de Janeiro limitará a sua actividade a amadores. Compreende-se a resolução do segundo, por se tratar de clube modesto, sem possibilidades financeiras bastantes para manter corredores independentes. Mas é menos compreensível a atitude do Belenenses, que teve no ano findo um bom lote de corredores amadores.

Se não houver no futuro qualquer resolução em contrário, apenas três clubes terão corredores amadores e iniciados — Iluminante, Lisgás e Rio de Janeiro. É de facto pouco — para a capital.

NA reunião a que nos referimos ficou também assente que a próxima temporada oficial de ciclismo começa no dia 21 de Março. Estamos, pois, a pouco menos de um mês.

O intercâmbio desportivo luso-espanhol alarga-se cada vez mais. Depois de se falar em encontros de rugby, inter-clubes, começaram as negociações para o I Portugal-Espanha em ping-pong.

Julgamos não ser muito fácil avaliar das possibilidades lusitanas, para um encontro desta categoria. Mas é fácil formar uma ideia das vantagens que podem resultar da sua realização.

A Câmara Municipal de Setúbal, que tem estado a realizar uma importante obra de valorização local, mostra-se disposta a reservar este ano uma verba regular para auxílio do desporto. Uma das colectividades indicadas para beneficiar dêste auxílio é o Vitória Futebol Clube, antigo campeão setubalense.

Portugal-Espanha em bilhar

O 3.º «MATCH» FOI GANHO PELOS ESPANHÓIS, QUE AVERBARAM OITO VITÓRIAS A QUATRO

O resultado do 3.º Portugal-Espanha de Bilhar não foi aquele que desejávamos e em que havíamos posto boas esperanças, mesmo grande dose de confiança. A distribuição dos jogadores na equipa nacional fez-se em ordem à consecução de uma vitória que parecia certa. Esperava-se que Ferraz ganhasse as suas três partidas contra Júlio Bofill; que Alabern alcançasse contra Luciano Clerc três vitórias e que João Pereira, defrontando Cláudio Puigvert, obtivesse outras tantas. José Amado, escolhido para combater com o mais categorizado e perigoso dos bilharistas espanhóis — Joaquin Domingo — exerceria a função de pára-raios da selecção portuguesa. Nas condições mais felizes, teríamos nove vitórias contra três. Nas piores de prever (uma derrota para Alabern e outra para Pereira), seta contra cinco.

A equipa nacional fôra, pois, formada com bom critério em relação à distribuição dos jogadores pelas quatro modalidades em que seria disputado o torneio, tendo em atenção a força dos antagonistas em cada uma delas, avaliada à luz dos resultados do 2.º Portugal-Espanha, efectuado em Barcelona. A sua melhoria só poderia encerrar-se fazendo desdobrar Ferraz, que se oporia a Bofill e a Domingo — tarefa que na realidade se tornaria bastante pesada para o campeão português.

Que aconteceu? Aconteceu que Ferraz sofreu uma inesperada derrota na segunda partida e que Pereira se deixou bater em todas as saídas. De Alabern pode dizer-se que cumpriu o que estava no programa: 3 ou 2 vitórias contra Clerc, e de Amado que a sua sorte foi a que se lhe destinara: a de ser a vítima da «fera» espanhola, a fim de libertar os melhores «tacos» portugueses para vitórias mais certas. A primeira derrota de Pereira e, após, a de Alabern trouxeram as primeiras sombras para as nossas perspectivas no torneio. Um novo desaire do nosso especialista das «3 tabelas» e a derrota que sempre se teve por impossível de Ferraz, ennegreceram mais essas sombras. E depois — foi a vitória dos espanhóis a ganhar amplitude até fixar-se nos seguintes números: 16 pontos contra 8. No entanto, duas vitórias de Pereira teriam bastado para cobrir a derrota de Ferraz, que não entrara nos cálculos, e permitiria o empate. Para alcançar a igualdade, se Ferraz houvesse vencido sempre, ainda teria sido indispensável que Pereira registasse êxito numa das suas três actuações, o que não aconteceu. Vê-se, assim, que foi a infelicidade do último que afundou a selecção nacional e, consequentemente, que a Puigvert coube o melhor quinhão no triunfo da sua equipa. Domingo era vencedor certo.

Nas competições de bilhar como nas de qualquer outro género, quando os adversários se aproximam muito ou nivelam em valor, é quasi sempre a sorte que interveem para decidir o pleito. Mas existe, realmente, a sorte? E existe o azar? Não acreditamos, é claro, nem numa nem noutra, como manifestações da vontade de deuses propiciadores ou vingativos. A vitória e a derrota vêm por caminhos que não são nem os do céu, nem os do inferno... O que há é elementos de ordem física e psico-

lógica que dispõem bem ou mal o jogador, consoante adrega de associarem-se em sentido favorável ou desfavorável. A sorte não é senão a saúde física e moral do jogador no momento de actuar. O azar, a ausência dessa saúde.

A equipa nacional perdeu, quanto a nós: primeiro, porque os espanhóis, em conjunto, eram melhores; segundo, porque houve da nossa parte um excesso de confiança na nossa capacidade; terceiro, porque Pereira não teve uma única noite de sorte, encarada esta como acima a definimos. A exibição afortunada da nossa equipa, em Barcelona, não pôde repetir-se em Lisboa. É a lei das compensações... O certo, no fim de tudo, é ter-se criado num novo sector do desporto, uma nova rivalidade estimuladora entre portugueses e espanhóis, capaz de fornecer, todos os anos, o espectáculo agradável duma luta renhida e cavalheiresca.

Os jogadores e os números

PARTIDA LIVRE

Alabern-Clerc
(Nas três partidas)

C.	C.	T.
500	107	22
282	500	16
500	181	23
1.282	788	61

Média geral: 12,016 — 12,918

Média geral internacional: 20.

Alabern dominou bem o jogo de construção para a série americana, a despeito duma viragem imperfeita, que lhe custou, talvez, a sua única derrota, na segunda partida. Neste particular, mostrou-se jogador de maiores recursos que o adversário. Mas a sua «americana» é que não é presentemente tão firme como na altura do campeonato de Lisboa. Parece-nos menos espontânea — mais laboriosa... A sua actuação agradou, e não foi por ela que nos veio mal... Com a condição dum largo treino sistemático e apaixonadamente seguido, deve tornar-se um «taco» de temer onde quer que por esse mundo fora se jogue à carambola...

Clerc revelou certa pobreza de imaginação e pouca segurança nas jogadas de preparação para a série, mas uma vez colocadas as bolas em «su título», é devastador... Conta de força admirável e cadência de metralhadora. Não é um taco, é uma arma de precisão e tiro rápido... Impressionou, verdadeiramente, o seu «vontade na condução do jogo ao longo da tabela. Verde em anos, tem largo futuro.

PARTIDA ÀS TRÊS TABELAS

Puigvert-Pereira

C.	C.	T.
50	42	101
50	36	87
50	41	91
150	119	279

Média geral: 0,537 — 0,426.

Média geral internacional: 0,5.

Puigvert veio disposto a desforçar-se do desaire que sofreu em Barcelona e conseguiu-o, pois lo-

grou um triunfo total: três vitórias em três partidas. O ex-campeão do Mundo, na especialidade, deve ter-se treinado com afinco e, se assim foi, cobrou proveito... Excelente visão do jogo, sempre em ordem à defesa. Duplamente perigoso — pelo ataque e pela guarda... Os seus esmagamentos de bola impressionaram. Tacada posante, como a requiere a modalidade. Todavia, a sua exibição não atingiu nível que deva considerar-se verdadeiramente excepcional. A média geral internacional foi apenas ligeiramente excedida, mesmo em confronto com a melhor média particular conseguida, que foi de 0,574, na segunda partida. Mas é certo que arrancou algumas carambolas fulgurantes, que foram justamente aplaudidas. Teve mérito e «chance».

Pereira não sucumbiu, porque não se pode dizer que sucumbe um jogador que fica a 8 e 9 carambolas do adversário, em duas partidas. Nunca o vimos, porém, tão desafortunado a tacar. Passaram-lhe, com frequência arrelviadora, «bolas» que lhe ordinariamente faz com fantástica facilidade. A sorte, que tanto facilitou a sua prodigiosa actuação em Barcelona, desamparou-o ostensivamente neste torneio. E com uma persistência de desorganizar os nervos mais resistentes! Quanto a nós, o valoroso bilharista português sofreu de dois

males que não lhe permitiram aquele estado de saúde física e moral que viabiliza o melhor rendimento: a surpresa duma tabela muito mais rápida que a do bilhar em que normalmente joga (e isso perturbou-o bastante, enervando-o) e o cansaço dos trabalhos de organização da prova, que lhe consumiram muitas energias dos músculos e do espirito. Na primeira partida, por exemplo, Pereira pegou no taco, para entrar em acção, às 24 horas de um dia exaustivo de ordens e contra-ordens, de idas e vindas para arrumar isto e regular aquilo, e até de intervenções para atender estar ou aquela reclamação, mesmo à beira de iniciar a partida. Não pode ser assim!

PARTIDA POR «ABELA

Ferraz-Bofill

C.	C.	T.
150	114	39
144	150	61
150	102	37
444	366	137

Média geral: 3,240 — 2,671.

Média geral internacional: 2,5.

Ferraz: Garra de campeão, protótipo do jogador de combate, pelo poder da sua atenção e pelo pulso com que domina o jogo. Subordinação completa ao objectivo procurado: ganhar. Bateu sempre o adversário, de longe, na extensão da série. O seu «processo» impôs-se, em confronto com o de Bofill, no capítulo rendimento. Assombroso poder de recuperação, que é talvez a característica que

(Conclue na página 14)



Os jogadores surpreendidos pelo lapis de Pargana. De 1 a 8: Ferraz, Bofill, Puigvert, Domingo, Amado, Clerc, Pereira e Alabern.

Veteranas do desporto ANTONIO CARDOSO



VISEU, a encantadora cidade beirão que nos legou Viriato, o pastor-guerreiro, tem dado também ao desporto alguns vultos de renome; e, dentre eles, António Cardoso, antigo atleta do «Cf» glória do desporto de há vinte anos.

As gerações modernas não o conheceram nem dele se lembram; e se algo sabem da sua actividade é apenas superficialmente e por ouvirem falar os mais velhos! E contudo António Cardoso foi dos melhores atletas portugueses — naquêle «período de ouro» do atletismo que nos deu figuras como o saudoso dr. António Martins, eng.º Correia Leal, Prestes Salgueiro, dr. Salazar Carreira, Antero Varejão, Manuel Correia, Gabriel Ribeiro — hoje um pádre venerando — Borges de Almeida, Artur Santos, Feliciano Gonçalves, Demostenes, Pedro e Pascoal de Almeida, a famosa «trindade» do Cruz Quebrada... E outros! E muitos mais... Porque aquêle que é hoje o tenente António Cardoso, secretário da Direcção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, esteve durante alguns anos em actividade permanente e competiu, na pista, com atletas célebres entre nós: do «seu tempo» recordam-se ainda Afonso Salcedo, Cecilho Costa, António de Almeida, Herculano Mendes, Manuel Dias, Alfredo da Silveira, José Prazeres, Garuel Júnior, Gentil dos Santos e Honório Costa... Enfim: uma série de escol dos melhores praticantes dos desportos atléticos em Portugal, nomes que a história do atletismo regista e não esquecerá nunca.

António Cardoso era e é uma verdadeira «estampa» de atleta, dama impressionante completção física, respirando vigor e saúde. Impõe-se rapidamente; logo que appareceu na pista! A sua figura hercúlea quadrava admiravelmente à modalidade que elegera. E foi dos nossos melhores lançadores: de péso, disco e martelo. Ainda possui um «récord»: o regional do sul no lançamento do disco...

At por alturas de 1928 António Cardoso era considerado um dos melhores lançadores do disco em todo o Mundo — suprema satisfação de qualquer atleta! Mas por essa época o atleta abandonava definitivamente a actividade...

No seu «palmarés» registam-se várias vitórias, inúmeros triunfos; alguns campeonatos e ainda uma representação internacional.

Veja-se, em síntese: campeão do lançamento do disco e do dardo em 1914; do disco, também, e «recordman» nacional, em 1927 e 1928; do péso, em 1923; do martelo — com o «récord» — em 1920; «recordman» do lançamento do péso em 1926 e 1937; jogador de «rugby» (pelo Benfica; e nessa ocasião — a única! — trocou o «jersey» negro do «Cf» pela camisola vermelha do Benfica, porque o seu clube não praticava a modalidade...) e, ainda, jogador de «hockey» em campo do Internacional. Classificou-se também em segundo lugar num campeonato militar de sabre e foi campeão de «boxing» (categoria dos pesados) em 1917, ao tempo já dilatante

(Continua na página 14)



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



1—Os finalista do Campeonato de "Ping-Pong", de Lisboa (1.^{as} categorias). 2—Distribuição de prémios na Sala de Armas do Hockey Clube de Portugal. 3—Uma fase do jogo de "rugby", entre o Benfica e o Belenenses, que os "azuis", ganharam por 11-7. 4—Virginia Campos, gentil patinadora do Campo de Ourique, também pratica o ciclismo. 5—Alguns dos concorrentes do "Rallye Condeixa". 6—Instantâneo do jogo de "hockey", em campo entre o Benfica e o Hockey C. P. 7—No "Torneio dos Quatro", de "hand-ball", o Benfica venceu "Os Treze", por 3-1.

(Fotos Emanuel)



vai construir uma pista de atletismo na Tapadinha

A derrota de Alfredo Ferraz...

O castigo de Salvador Jorge...

A fusão dos populares clubes Carcaveiros A. C. e União Futebol Lisboa, de que saiu um novo elemento desportivo — o Atlético Clube de Portugal, firmou-se como arrojado êxito, que só a muita e dedicada persistência das duas partes interessadas conseguiram levar a bom termo.

É que dotou o populoso bairro com um clube de facto capaz de servir brilhantemente, tanto na representação futura do desporto nacional, como pela valiosa acção que pode desempenhar entre a população alcantarensis, levando-a a educação desportiva de inequívoca importância, sobretudo a favor das crianças, às quais dedica as suas classes de ginástica, e procurando caminhar para a sua sede o maior número de simpatizantes, a que oferece o ambiente acolhedor das suas salas, ao mesmo tempo que procura interessar nas práticas desportivas a gente moça do seu bairro.

Esta actividade está absolutamente firme na ideia orientadora da novel colectividade de desporto, servida por um grupo entusiástico de dirigentes suficientemente capaz

de engrandecer o Atlético Clube de Portugal. Basta que se liguem todos os outros pequenos sectores desportivos, espalhados pelo bairro, para se conseguir uma das grandes aspirações: um só clube desportivo em Alcântara, grandioso na actividade, para bem do seu bairro e do desporto nacional. Este desejo pertence à ideia que acompanhou os trabalhos da «fusão» e está integrado na orientação a seguir pelo novo clube, prestigiando, mais e melhor, o passado das duas colectividades de desporto.



Joaquim de Paiva e Silva

Quando numa destas noites estivemos junto dos directores do Atlético «sentimos» perfeitamente que a orientação era esta, fortalecida ainda pelos primeiros bons resultados obtidos nos meses que já leva de existência o clube.

Uma série interessantíssima de realizações

O Atlético Clube de Portugal manterá todas as suas características de clube popular.

Será uma colectividade onde a ideia desportiva se respeitará no que ela tem de mais pura finalidade. E, se o clube conta com os habitantes do bairro, melhor o bairro pode contar com o seu clube.

— É que — afirmam-nos directores do Atlético — o nosso novo clube não foi idealizado para se dedicar unicamente ao futebol.

«Se o mais popular dos desportos nos merece o maior interesse, não amesquinha em nada a actividade que procuramos dar ao desporto em geral e à educação física em particular. Procurando rodear os nossos «teams» de futebol da melhor autoridade, pelo seu comportamento moral e desportivo, não descuramos o mínimo pormenor nas outras modalidades.

«Assim trabalhamos entusiasmados, para podermos, quanto antes, apresentar o resultado — senão bom, pelo menos satisfatório — dêste nosso esforço em prol de uma colectividade que, por ser do desporto, deve servir o desporto com o mais honroso brio desportivo.»

Num clube em que o aspecto «organização» ainda é o grande motivo de preocupação dos seus directores, à frente dos pais, na presidência, está o sr. Paiva e Sil-

va, um nome prestigioso de dirigente, é difícil obter os elementos que dêem ao leitor a informação das grandes coisas que o clube espera fazer.

Uma série interessantíssima de realizações estão em projecto.

A sede única — pois o Atlético está ainda repartido pelas duas antigas sedes — é problema em via de solução.

A construção espera em breve poder levar ao conhecimento dos associados a realização dêste seu desejo. Isto enquanto não for possível edificar-se a sede própria, talvez nos terrenos anexos ao seu campo de «basket-ball».

Entretanto vão-se compondo os assuntos internos, ligando intimamente os dois clubes na sua nova vida desportiva.

Mas o Atlético tem projectos importantes, demonstrando quanto interesse lhe merece um factor de especial magnitude na vida de um clube desportivo: o seu campo atlético.

Na Tapadinha espera poder fazer-se surgir um campo de desporto com os requisitos necessários para bem servir os atletas e o público. O projecto está em estudo e oxalá tenha a viabilidade esperada. Uma melhoria geral, abrangendo todo o campo, fará construir novos balneários com comunicação subterrânea para o campo de jogos, arranjo das instalações para o público, especialmente as destinadas ao peão, visto as bancadas e camarotes, recentemente construídos, se aproveitarem — e, circundando o campo atlético, uma pista para atletismo.

No entanto, vai construir-se uma pista de 100 metros, no espaço de terreno entre a vedação das bancadas e a linha lateral do campo de futebol, para ser já utilizada na próxima época.

Ao Atlético interessam todas as modalidades desportivas, às quais procura fornecer o seu melhor amparo e carinho — anote-se a brilhante posição e comportamento no actual campeonato de Lisboa de «basket-ball», a formação do seu «team» de «rugby» e a estreia da sua secção de «hand-ball».

Mas é sem dúvida o atletismo que lhe merece a mais intensa atenção. A comprovar esta actividade — a construção da referida pista e o movimento da sua secção, na qual estão nomes de valor no atletismo nacional, como Filipe Luís, «recordman» nacional dos 10 mil metros, Angelino Pinho e Salvador Antunes.

Guilherme Barão, principiante de muito merecimento, e António Azevedo, estreade em quem o clube tem as melhores esperanças, aparecem-nos à frente da gente nova do atletismo no clube alcantarensis, que a competência de Alberto Afonso treina com carinho.

Também o atletismo feminino estará esta época largamente representado.

Assim, o Atlético Clube de Portugal apresenta-se nos animado dos mais entusiásticos esforços para valorizar uma actividade que será o mais belo e significativo triunfo para a ideia que ligou os dois populares clubes.

FERNANDO SA

ALFREDO Ferraz, o estupefido jogador português que alcançou renome mundial no bilhar, foi derrotado.

A batalha em que foi dominado, por um tal Bofill gesticulador e teatral, assistiram centenas de pessoas — duas horas e meia suspensas por artifício de um espanhol crudelíssimo no seu jogo de só colocar obstáculos que fizessem fenda na serenidade de pedra do nosso grande campeão.

Pois é verdade; Ferraz teve de sucumbir!

No início da partida que por tabela coube a Ferraz, não diria ninguém que a tabela colocada por Bofill de tanto seria capaz. O espanhol começou fracamente e Ferraz também.

Até a uma tacada já de número elevado, o espanhol seguia à frente. Fazia teatro! Aproximado junto à mesa, de olhos irrepreensivelmente colocados no nariz, Bofill, sempre que lhe competia tacar, iniciava uma guerra de nervos que teve seus frutos: segurava o taco pelas extremidades, parecia querer parti-lo a dar ares de que a coisa era difícil quando, mesmo, era facilíssima — enquanto Ferraz curtia nervos na ansia mixta de não perder e de evitar o gelado murmúrio da multidão, cada vez mais impressionada pelo seu fracasso iminente.

De repente, Ferraz a todos dominou — inclusive a Bofill.

Pegou no taco e, dominador, lançou-se sobre a mesa, sobre as bolas, sobre o taco, sobre tudo e sobre todos, e realizou 34 carambolas por tabela, mesmo à beira da tabela que Bofill lhe havia levantado!

Os aplausos a Ferraz haviam-se misturado com os que a ele vieram a cubrir — e fez, serenamente, 17 carambolas, tantas como as necessárias para regressar à cabeça do cartaz.

Ferraz fora derrotado assim, que outra explicação não tem o momento, na grande colossal, que assinalou a verdade batida travada entre Bofill e Ferraz, da qual surgiu a derrota do «maço» lusitano em salas alentejanas das Portas de Santo Antão...

*

Salvador Jorge, magnífico guarda-redes belenense, que tem os nervos ao pé da boca, foi punido com 30 dias de suspensão — após o jogo do seu clube com o Benfica.

Não trataremos aqui da justiça ou injustiça da sua punição.

Lembramos o facto tão somente para dizer, uma vez mais, que importando considerar imensos aspectos na vida dos clubes, quando haja o desejo de os colocar bem sob todos os pontos de vista, nenhum tem mais importância que o disciplinar.

É uma regra já estafada — esta da necessária disciplina nos campos e nos espiritos...

Jogador impressionável a tão elevado ponto como Salvador Jorge, não deve jogar. Mas não deve, também, quem assim saiba, lançar o isco no anzol.

Não é só indigno — é, também, desumano.

Agora, um problema novo para os azuis — que o da fuga de Gilberto ainda não bastava...

M. S.

Intervalos...

PROBLEMAS DE ARBITRAGENS...

DEPOIS do último «Benfica-Pôrto», disputado no Campo Grande, dois amigalhões resolveram percorrer a pé o trajeto até à Baixa e, para entreter a caminhada, falaram do encontro, relembravam certas jogadas e discutiram o comportamento de alguns jogadores. Por fim, a conversa recaiu sobre assuntos de arbitragem.

Um deles achava que o juiz andava bem. O outro discordava. Até que este, em certa altura, lembrou um pormenor.

— Numa jogada do segundo tempo, a bola, «shotada» por Valadas, bateu no polícia e saiu pela cabeceira do lado defendido pelos homens do Pôrto. Pois o árbitro ordenou pontapé de saída e não «correu», como devia!

— Bateu no polícia?! — perguntou o outro, admirado. Não dei por isso...

— É verdade — contestou o primeiro, na disposição de intrigar o amigo.

— Não dei por isso, repito. Mas, se tal se tivesse verificado, o árbitro teria feito bola ao solo, tudo o que quizesse, mas marcar «can» contra o Pôrto, como dizes, é que não acho razoável.

— Era «canto»...

— Não era tal!

Era, não era, e assim vieram discutindo durante um pedaço, até que aquele que provocara a discussão, aísas com certa malícia, acabou por esclarecer:

— Bateu no polícia e não podia deixar de ser «canto» — porque o polícia a que me refiro é o Baptista, médio direito do Futebol Clube do Pôrto, que pertence à corporação...

A sétima jornada do torneio principal forneceu os resultados seguintes:

Belenenses-Sporting...	5-0
Benfica-Leixões.....	3-0
Olhanense-Académica..	5-2
Pórtó-Unidos Barreiro.	3-4
Vitória-Unidos Lisboa.	4-1

São estes os «scores» que ficam para a história da competição, através dos quais se verifica que somente um dos «teams» visitados perdeu — precisamente aquele que reunia todas as probabilidades de triunfo — e outro cedeu o empate, neste caso de aceitar por via da diferença de categoria dos clubes em luta. E no «match» mais importante registou-se «score» fora do vulgar entre «teams» de primeiro plano. Foram estas, de resto, as notas salientes da jornada — de resultados, na generalidade, imprevisíveis, quicá incríveis...

A classificação ficou assim:

J. V. E. D. «Goals» P					
Benfica...	7	7	—	34-11	24
Belenenses...	7	6	—	33-6	12
Sporting...	7	4	2	21-17	9
Académica...	7	4	—	31-22	8
Unidos...	7	3	1	31-22	7
Pórtó...	7	2	1	16-30	5
Olhanense...	7	2	1	13-16	5
Unidos (Bar.)...	7	2	—	19-30	4
Vitória (*)...	6	1	4	12-33	3
Leixões (*)...	6	—	5	9-25	1

(*) — Tem um jogo em atraso.

DERROTA INEVITÁVEL...

Não há entre os «teams» do Belenenses e do Sporting — que nas Salésias disputaram o «match» principal da jornada — diferença de valores tão pronunciada que justifique a «marca» de 5-0. Mas os «leões» foram nitidamente menos jogadores que os seus adversários de domingo — deixando-se bater em velocidade quasi sempre. E quando um «team» suplanta outro pela rapidez é difícil fazer valer uma «toada» de jogo que não é aconselhável — como tem sido a do «team» sportinguista.

O Belenenses só nos primeiros lances permitiu equilíbrio; depois, e à medida que o tempo passava, foi claramente superior, para acabar realmente bom vencedor — o único vencedor que o desafio podia ter em relação ao jogo desenvolvido.

Ao Sporting — cujos jogadores, na maioria, deram mostras de fadiga — faltou um «comandante» que soubesse conduzir o «team»; somente Azevedo procurou atenuar a derrota, pondo em qualquer parte das suas faculdades, que são realmente muitas. Cardoso e Marques nem sempre auxiliaram o seu «keeper» como convinha e o primeiro foi mesmo infeliz no lance que precedeu o «goal» de abertura. Os «halves», praticamente iníteis — jogando (se aqui se chama jogar!) muito alheios ao ataque e embaraçando amide a defesa. Na linha da frente não houve um guia nem houve ligação; Pireza (a fazer coisas bonitíssimas em metro e meio de terreno, mas sem progressão...) e Soeiro não deram o rendimento necessário. Cruz e Mourão, pouco afortunados; e Peyroteo continua a ser um «center-forward» espectral, com soberância dis-



FUTEBOL

Três resultados imprevistos

nos «matches» das Salésias, Porto e Olhão, foram as notas salientes da 7.ª jornada do Campeonato Nacional

pensável e sem a decisão de outras eras a caminhar para as rédes. De Azevedo dir-se-á o suficiente garantindo que foi o melhor do «team», com um sentido de oportunidade e atenção ao jogo que lhe permitiu reflexos prontos, enquanto não se deixou ir na voragem...

A ÚNICA EQUIPA

O Belenenses convenceu em todos os sectores. A defesa esteve sempre em «jogo», actuando com rudeza e mais rapidez no tempo de entrada aos adversários. Simões e Feliciano completaram-se e Veríssimo não desmanchou o conjunto! Os médios impuseram-se: Amaro, Gomes e Varela Marques «mandaram» no campo. O ataque teve em Rafael e Eloi os seus elementos mais produtivos; mas Quaresma e Franklim igualmente se aplicaram; e José Pedro demonstrou estar em forma excelente, podendo apontar-se como o «forward» de jogo mais consciente e prático dos dez que estiveram nas Salésias.

Em síntese: o Belenenses desenvolveu acção apreciável, actuando muito unido e como um «bloco» sem atritos — enquanto o Sporting jogou desarticulado e sem «garra».

TEORIA E PRÁTICA

Dizem-nos que o sr. Ribeiro Sanches é o «referee» da A. F. L. com mais conhecimentos das leis do jogo. Mas realmente não parece! O «penalty» que aplicou ao Sporting e que Feliciano converteu no segundo «goal» do Belenenses — é daquelas coisas que não têm explicação plausível, por inexistentes! E toda a crítica — como quantos assistiram ao desafio — é unânime nessa opinião... «Penalty», sim, foi a mão claríssima de Daniel — logo seguida do levantar do pé à altura da cabeça de Eloi — e que o sr. Ribeiro Sanches «transformou» em «free» contra o Belenenses! E o sexto «goal» — invalidado — era «goal» em qualquer parte do Mundo onde se jogue futebol — porque Rafael recebeu a bola de Marques, e, implicitamente, estava desde logo «em jogo».

No caso do «penalty» há que louvar o desportivismo e o espírito de disciplina manifestado pelos sportinguistas, aceitando, sem azedume, a decisão do árbitro. Claro que o «team» ressentiu-se acto continuo (é realmente difícil reagir em circunstâncias semelhantes) mas os jogadores leoninos deram um belo exemplo de ordem e de disciplina — que convém salientar.

OS CINCO «GOALS»

Marcou-se o primeiro tento a dez minutos do intervalo: «shot»

de José Pedro, a fazer tabela em Cardoso, que involuntariamente desviou a trajectória do esférico; Azevedo, que se «fizera» ao lance, foi traído pela mudança de direcção da bola. «Goal» de pura sorte — mas que o Belenenses já merecia francamente.

Aos quatro minutos do segundo tempo: 2-0, do «penalty» que Feliciano transformou. E dos 20 aos 28 minutos mais três «goals»: o terceiro de Franklim (acidentalmente no lugar do interior direito); os outros de José Pedro — com os defesas leoninos na expectativa! — e de Rafael.

ESTREIA AUSPICIOSA

A partida do Campo Grande decorreu com monotonia — por vezes enervante. Fizeram-se apenas três «goals», todos eles antes do intervalo. No segundo tempo os lisboetas podiam ter aumentado o «score» — mas parece que não estiveram pelos ajustes, pois repousaram de mais ou ouviram, até, assobios de desgosto...

Guia Costa estreou-se no Benfica e marcou os dois primeiros «goals». Trata-se do jogador ultramarino que «Stadium» apresentou ao público logo em seguida à sua chegada a Lisboa. Habitualmente defesa, não estranhou muito a mudança para o ataque; mas não é ainda o «center forward» de que a equipa precisa, pois que, num jogo fácil como este era, o seu rendimento não foi além da vulgaridade. Contudo, teve estreia auspiciosa, porque marcou dois «goals». O outro fê-lo Conceição. Rogério também reapareceu no «team» dos encarnados.

O «match» valeu quasi que pela exibição de Couto, «keeper» do Leixões — o melhor elemento do grupo portuense. A frequência das suas intervenções constituiu realmente o atractivo máximo do encontro, que pouco valeu em virtude da superioridade do Benfica — superioridade que teve, de resto, significado escasso...

BONS TEMPOS! BONS TEMPOS!

Assinala a crítica local — e até na generalidade — que o Olhanense realizou, contra a Académica, exibição magnífica e meritória em todos os aspectos. E recorda-se com saudades o Olhanense doutras eras — naquelas em que os campeões do Algarve fizeram furor e marcaram uma «situação» no futebol português.

Diz-se também que a ausência

cia de Grazina — um elemento que principiava a tornar-se prejudicial ao «team» em virtude do seu pessoalismo, talvez causa do destempero de certos amigos bajuladores e mal amigos... — contribuiu para melhor entendimento da equipa «em globos».

Notável, realmente, a exibição dos olhanenses — assinalada como a melhor da época e certamente uma das melhores de sempre.

Só a Académica é que não deve ter ficado satisfeita! Não porque perdesse, claro, pois perder não deslustra e a derrota é uma consequência do próprio jogo — mas porque os conimbricenses tiveram exibição inferior às suas reais possibilidades. O rendimento da equipa ressentiu-se da falta de Lemos e Octaviano — e como o Olhanense foi um grupo «iluminado», mais realçou a ausência daqueles jogadores...

Marcaram-se dois «goals» no primeiro tempo, ambos dos locais, da autoria, respectivamente, de João Santos e Cabrita, o último um estreante com personalidade. E na segunda parte o «score» teve várias oscilações: 3-0 (Baptista); 3-1 (Armando); 4-1 (Salvador); 4-2 (Gomes-Ac.) e 5-2 (Gomes-Olh.) — sendo três destes cinco pontos marcados no brevíssimo período de quatro minutos!

PROEZA MAGNÍFICA

Quem diria que os novos campeões de Setúbal eram capazes de ganhar no Pórtó? E afinal triunfaram — fornecendo a surpresa da «ronda», quicá do torneio! Porque ninguém ousaria admitir que o Unidos barrense cometesse tal façanha, tanto mais que os campeões do Pórtó chegaram ao intervalo com 3-2. Mas a recuperação dos unidistas do Barreiro na segunda parte foi realmente notável — demonstrativa aplicação do «team» logo que se apercebeu de que podia obter um resultado lisonjeiro.

Na primeira meia hora marcaram os portuenses os seus três «goals», consequência da acumulação de erros da defesa visitante. Mas entretanto o Unidos tinha também feito um «goal». E à beira do intervalo melhorou para 2-3.

Reatado o jogo com as mesmas características — vigor dos barrenses e desacerto dos visitados, que a breve trecho mostravam desalento — o «score» não sofreu modificação durante quasi meia hora; mas, passado esse período e estabelecida a igualdade, só um «team» parecia estar em campo — e esse era o do Unidos, já então senhor do triunfo, pois entre o empate e a vitória o esforço de tempo foi apenas de dois minutos...

Fixem-se para a posteridade os nomes dos autores dos sete pontos do «match»: Galinheiro (2), Fernandes e João da Palma, pelo Unidos; João Taipa (2) e Povoas, os do F. C. Pórtó.

EMPATE EM GUIMARAES

O Unidos de Lisboa cometeu boa proeza indo empatar com o Vitória à terra que foi berço da nacionalidade. Mas não lhes foi fácil a tarefa...

Os vimaranenses — que chegaram a estar em desvantagem: 0-3 conseguiram, através de uma recuperação brilhante, mudar o

(Conclue na página 10)



1



7



3

5 "negativos" da Relva

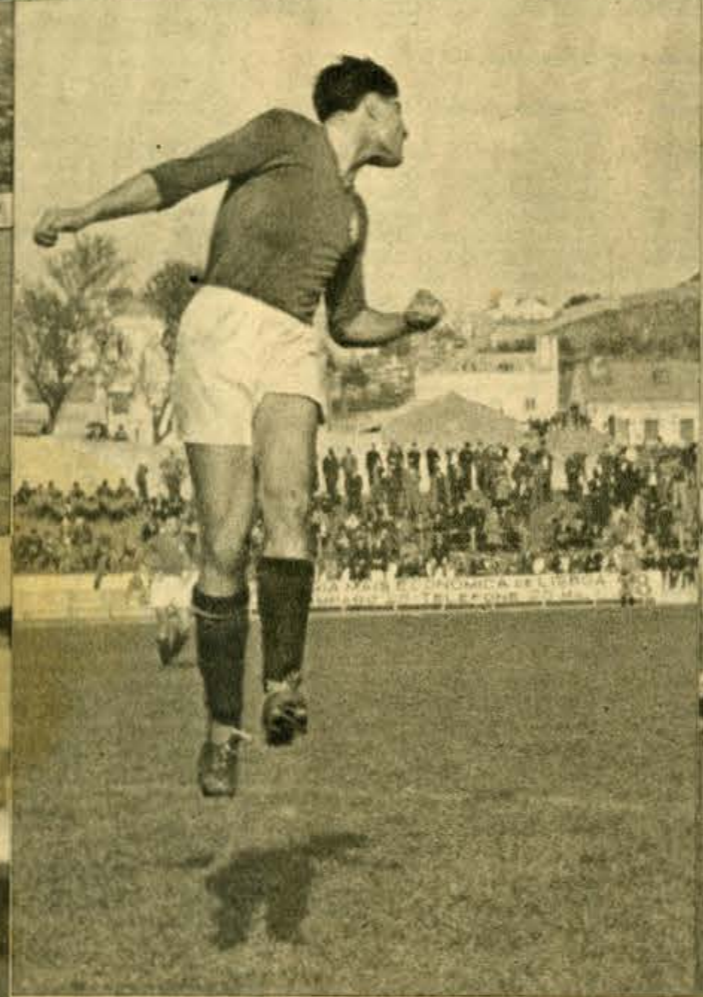
deu sou o Sporting nas Salesias!!!



4



6



5



O Belenenses ofereceu ao Sporting uma «ginginha com elas»... e elas foram cinco

Na semana imediata à final do Campeonato Nacional da 1.ª divisão **STADIUM** oferecerá a todos os seus leitores um **Brinde Sensacional**



8

1 - Nas Salesias parece ter-se jogado mais do que futebol, como pode deduzir-se do salto de José Pedro sobre Daniel... 2 - Curiosa defesa de Veríssimo, perante a ansiedade de Peyroteo. 3 - Quaresma dá mostras de querer proteger Azevedo na defesa... 4 - Uma boa "parada" de Veríssimo. 5 - Sem deixar cair a bola, Rafael "dispara" o 5.º ponto da tarde. 6 - Peyroteo, em bela atitude, vai proporcionar a Mourão um tento - que foi invalidado... 7 - Como joga Feliciano. 8 - Ainda com o marcador em 0-0, Peyroteo perde uma ocasião soberana de bater a defesa "azul", deixando escapar a bola. (Fotos Nunes d'Almeida)

Campeonato Nacional de Futebol

(Conclusão da página 7)

resultado para 4-3 a seu favor. Este jogo — pelas modificações por que passou o «score» e dadas as características de energia e vivacidade que o ilustraram — despertou franco entusiasmo na assistência.

O Vitória viu um remate de Alexandre devolvido pelo poste — isto logo nas primeiras jogadas! E ao intervalo perdia por um «goal», que Tanganho marcou. Iam decorridos dez minutos. No princípio do segundo tempo Osvaldo fez 2-0; e a seguir Tanganho mudou para 3-0. Um «penalty», porém, abriu caminho aos vimaranenses; transformou-o Alexandre. Entusiasmados, os campeões do Minho passaram a ser senhores da situação; e a nove minutos do final ganhavam por 4-3, com «goals» de Afrimão (2) e Ferraz. Mas houve ainda o tal «goal» de Osvaldo — que fez com que o Vitória... não pudesse cantar vitória!

Correcção dos jogadores e entusiasmo na assistência — foram as características principais desta jornada de Guimarães.

JORGE MONTEIRO

TORNEIO DA II DIVISÃO

NA sua carreira cheia de regularidade e interesse, a prova começa a fornecer os primeiros apurados para a sua segunda fase.

Os clubes já dados como vencedores de séries são: Sporting de Espinho, União de Lamas, Comércio e Indústria, de Tomar, Desportivo Portalegrense e Luso, de Beja.

O número de desafios efectuados foi menor do que nas «rondas» anteriores: 30. Mas o número de «goals» marcados continua a ser elevado: 157.

O Leça e a Naval 1.º de Maio, da Figueira, sofreram os primeiros desaires, tendo como atenuante jogarem em casa dos adversários.

Grupo A:

Famalicao-Gil Vicente, 3-2; Vitória (R.)-Vianense, 3-2; Sp. Braga-Sp. Limarense, 7-1; Sp. Fafe-Visela, 7-0; Coimbra-Vilanova, 3-2; Avintes-Gaia, 1-0; Candal-Valadares, 2-1; Boavista-Ramalense, 4-1; Desp. Aves-Académico, 1-2; Salgueiros-Sp. Cruz, 5-0; Vila Real-Leça, 3-0.

A vitória do Famalicao foi preciosa para a equipa, que se isolou à frente da classificação da sua série, deixando atrás a companhia do Gil Vicente. Todos os outros resultados são normais; ganharam os mais cotados.

Na série 2, o Coimbra e o Candal, cada um com uma vitória pela tangente, continuam empatados para o primeiro lugar.

A dificuldade do Académico em frente do Aves diz bem da resistência oposta pelo vencido ao «leader» do agrupamento. O Vila Real aproximou-se do Leça que vê agora as suas aspirações comprometidas.

Grupo B:

Oliveirense-União Lamas, 1-3; Calhabé-Sport, 5-0; Lusitânia-Santa Clara, 2-1; União Coimbra-Naval, 2-1; S. L. Viseu-At. Travanca, 5-1; S. L. Cast. Branco-Albicastrense, 4-0; Covilhãense-Sp.



Quando a STADIUM pergunta...

A-propósito da ida do «team» de «rugby» do Belenenses a Madrid

O Belenenses vai a Madrid jogar «rugby»!

Para saber o que havia de concreto nesta afirmação, abordámos e interpelámos, neste propósito, o sr. Jacinto Duarte, incansável director da secção de «rugby» do Belenenses.

— Qual a verdade acerca da ida do Belenenses a Madrid?

Federação Portuguesa. Não está fixada a data exacta da partida, e sobre os jogos a realizar não sabemos tudo. Crê-se, no entanto, que jogaremos duas vezes, uma com o Real Madrid e, da outra, não sabemos quem será o adversário. A linha a levar será o nosso «15», reforçado, para que a representação seja o melhor possível.



O «quinze» do Belenenses

O sr. Duarte sorriu, e, amavelmente, explicou-nos:

— Houve uma pessoa, desportista espanhol, que foi a Madrid, com credenciais do Belenenses, tratar do assunto. A Federação Espanhola já autorizou a deslocação; contudo, o c.so ainda se encontra pendente da

— Perspectivas? Como encaram os jogos?

— Achamo-os difíceis; basta serem jogados em campo estrangeiro. Os espanhóis têm mais clubes que praticam este desporto e, consequentemente, mais jogadores. Além disto, têm mantido maior contacto com equipas estrangeiras. Jogaram muito com «teams» franceses. Em suma: É difícil. Mas tenho fé. Confio nos meus rapazes...

Oxalá que o Belenenses tenha os seus bons projectos coroados de êxito.

E com satisfação que vemos o «rugby» progredir no nosso país. O número de clubes aumenta. Cresce o entusiasmo. Faz-se mais desporto. O «rugby» — escola de lealdade e destreza, desporto em que todos os músculos trabalham — proporciona um desenvolvimento integral do corpo. Não admira, portanto, que a mocidade cada vez se interesse mais por esta modalidade.

Fazemos votos por que não fiquem por aqui as saídas dos nossos clubes, pois é conveniente que se amplie o intercâmbio do «rugby», não só entre equipas dos diversos núcleos do país, mas também com clubes estrangeiros.

SOUSA MARQUES

BASKETBALL

A subida do Algés é a circunstância a apontar na marcha do campeonato de Lisboa

A questão aqui posta por nós, no último número, acerca da irregularidade do Sporting e da acentuada melhoria do Ateneu, teve confirmação plena com os resultados da oitava jornada do torneio; é que enquanto o Ateneu voltou a triunfar (desta vez contra o Carnide, por 33-27) o Sporting registou nova derrota: de 24-37 diante do Algés, cuja subida de forma é notória. Mas também merecem referência as vitórias do Benfica (36-23) e do Atlético (33-26), respectivamente sobre Lisgás e Belenenses, dois dos melhores «teams» na prova. Nos outros jogos verificaram-se «scores» esperados: 40-26 do Unidos ao Maria Pia; e 31-25 do Campo de Ourique ao Rio Sêco.

Esta ronda, com alguns encontros de interesse assegurado (Benfica-Lisgás, Atlético-Belenenses e Campo de Ourique-Rio Sêco) teve outros atractivos que a valorizaram e revestiram de maior curiosidade ainda; além da luta a mover ao «leader» e daquela em que o último da classificação parecia empenhar-se contra os ouriqueenses, havia a «defesa» de sportingistas e carnidenses e a necessidade do «team» de Belém recuperar terreno perdido na jornada anterior. Afinal os prognósticos — sempre hipotéticos e problemáticos nestas circunstâncias — falharam rotundamente... Conclusão: Os dois primeiros da tabela continuaram firmes na posição conquistada; o Lisgás deixou a companhia do Unidos no terceiro posto e permitiu a igualdade do Algés (que subiu dois lugares); o Sporting e o Carnide continuaram a par, mas baixando na lista da classificação — tal como sucedeu ao Maria Pia e ao Belenenses. E o Rio Sêco perdeu as últimas probabilidades que tinha de fugir ao pouco invejável posto da cauda...

Classificações:

	J. V. E. D.	Bolas P.
Benfica	8 7 — 1	319-223 22
Atlético	8 6 1 1	291-221 21
Unidos	8 5 2 1	316-244 20
Lisgás	8 5 — 3	27-204 18
Algés	8 5 — 3	293-257 18
Belenenses	8 4 1 3	243-235 17
Ateneu	8 3 1 4	248-259 15
Carnide	8 3 — 5	243-231 14
Sporting	8 3 — 5	295-270 14
Campo Ourique	8 2 1 5	193-274 13
Maria Pia	8 2 — 6	252-229 12
Rio Sêco	8 — 8	194-226 8

Note-se a circunstância de terem ultrapassado as três centenas de tentos os grupos do Benfica e do Atlético — estando à beira da mesma «casa» o Atlético e o Algés.

Nas categorias inferiores são «leaders»: Atlético (em 2.ª, com um ponto só a mais que o Lisgás e o Carnide); Algés e Belenenses, em 3.ª e 4.ª, respectivamente. E a jornada a seguir comporta os jogos: Atlético-Ateneu, Carnide-Algés, Lisgás-Unidos, Sporting-Benfica, Maria Pia-C. Ourique e Belenenses-Rio Sêco, destacando-se os três primeiros como os de maior importância.



Bicicleta «FLECHA»
A QUE TODOS PREFEREM

A ILUMINANTE
Av. Almirante Reis. 6 — LISBOA

ZE DO PEÃO

Provas de inverno

O Sport Algés e Dafundo, dentro do programa dos seus torneios anuais inter-sócios, fez disputar, em quatro domingos sucessivos, na piscina pequena, uma série de provas destinadas a estimular a preparação dos seus nadadores durante o inverno. Estabeleceu para isso diversos mínimos, para todas as categorias. E concedeu medalhas aos concorrentes que melhorassem os «tempos» fixados. Seria interessante publicar todos os resultados e fazer um resumo dos vencedores. Dada, porém, a falta de espaço, preferimos publicar a nota das provas em que se progrediu.

Na primeira jornada, reservada às provas de 50 metros bruços, ganharam medalhas os seguintes nadadores: Em infantis (mínimo 46 s.) — Eduardo Câmara e Sousa (42 s.), Alfredo Janardo (44 s.) e José Adolfo R. Pereira (45 s.). Em principiantes (mínimo 41 s.) — Robinson Fragata (40 s. 3/10) e Zeferino Castro (40 s. 8/10).

Manuel Ferreira Moniz e José Manuel Correia triunfaram em júniores, com 39 s. 4/10; e Alberto Azinhais dos Santos fez 38 s. 2/10, no grupo dos seniores.

Zeferino Castro, no último dia de provas, concluiu o percurso em 39 s. 8/10; e Manuel Moniz em 29 s.

Maria de Lourdes Bessone Basto e Lucília Angeja venceram duas provas, respectivamente em 50 s. 8/10 e 50 s. 5/10. Lucília Angeja bateu Wanda Fragata.

Na série dos 50 metros de costas notou-se a falta de Mário Simas. As medalhas ganhadas foram: Em infantis (mínimo 42 s. 6/10) — José Máximo do Couto (41 s. 8/10). Em principiantes (mínimo 41 s.) — Joaquim Guerreiro Roque (40 s.). Em júniores (mínimo 40 s.) — Artur Mendes da Silva (37 s. 9/10) e António Jardine Neto (39 s.).

Mira Gomes, com 37 s., não chegou ao respectivo mínimo — 30 s. O mesmo aconteceu com Maria de Lourdes Bessone Basto, que fez 45 s. 4/10 e 45 s. 8/10, em duas provas, contra o mínimo de 43 s.

No grupo dos 50 metros livres foi concedida apenas uma medalha. Ganhou-a António Jardine Neto, júnior, fazendo 31 s. 5/10, contra o mínimo de 32 s. 5/10.

José Guilherme Petrone, Carlos Azevedo Júlio e Óscar Cabral venceram as provas infantis, principiantes e seniores, respectivamente em 34 s. 9/10, 34 s. 4/10 e 32 s. 1/10. O «tempo» de Jardine Neto é, pois, melhor que o de Óscar Cabral.

Rafael Ramos, numa prova mista do último domingo, classificou-se em primeiro lugar, com 32 s. 5/10, à frente de Alberto Azinhais dos Santos. Maria de Lourdes Bessone Basto fez 45 s. 4/10, contra 44 s. 5/10 de Dulce Madeira.

O Clube Naval de Cascais e o Nacional de Natação disputaram um «match» amigável na piscina do Estoril, mostrando, assim, que também não descaram a prepara-

JOÃO DA PALMA

do Unidos barreirense

TEM-SE dito e repetido, com incontestável justificação, que o Barreiro é, e sempre foi, fonte caudalosa de apreciáveis jogadores de futebol, alguns dos quais com nome feito, se distribuíram depois pelos clubes de fora da região. Guarda-redes, defesas, médios e avançados, de tudo os grupos da vila fabril têm fornecido em quantidade e boa qualidade.

Mais um interior direito

Há, porém, um lugar em que o número dos «ases» revelados — revelados e «trespassados»... — é mais avultado: o de interior direito. Relembramos alguns: Pedro Piresa, Quarema, Armando Ferreira e Rebelo — os três primeiros já com os galões de «internacional», o último com legítimas aspirações de imitá-los...

Que admira, pois, que no firmamento barrierense, e precisamente naquele pósto, outra «estrela» tenha surgido, com tal intensidade de brilho, que chama sobre si as atenções da crítica e dos aficionados entendidos? Queremos referir-nos a João Palma, interior direito do Unidos do Barreiro, o novo campeão da Associação de Futebol de Setúbal.

Barreirense da gema

O público gosta de conhecer os pensamentos íntimos e factos da vida dos seus ídolos — e daqueles que para lá caminham... Procurá-mos, por isso, o jogador em questão.

Trata-se de um rapaz desempenado, alto e esguio. Nada perderia se ganhasse alguns quilos... Falamos com à-vontade e desembaraço, como se estivesse a praticar o desporto da sua predilecção.

Tem 24 anos de idade. Nasceu no Barreiro, na freguesia de Santa Cruz. Alinha há cinco épocas na categoria de honra do Unidos barreirense. Antes, jogou no Grupo Desportivo «Os Celtas».

É empregado da União Fabril, na secção de caldeiraria.

Refere-se com natural satisfação à recente vitória da sua equipa no campeonato regional — resultado que considera justo. Quando, há dois anos, falou pela primeira vez para o público, declarou que o seu maior desejo era ser campeão! Compreender-se-á, portanto, como deve ter ficado alegre, com alegria dobrada, por ter destronado o ad-

ção dos seus nadadores durante o inverno.

O Naval de Cascais, que festejava o aniversário da sua fundação, ganhou as seguintes provas: 18 metros, bruços, infantis; 18 m., livres, infantis; 3 x 18 m., livres, infantis. O Nacional triunfou nestas: 18 metros costas, infantis; 54 m., bruços, principiantes e júniores; 3 x 54 m., estilos, principiantes e júniores; 3 x 18 m., livres, principiantes e júniores.

Para dar melhor a impressão de equilíbrio, houve uma classificação «ex-aequo» na prova de 54 metros livres, entre infantis e principiantes e júniores.

versário que tem mais empenho em vencer... Isto, a-pesar-de sempre ter admirado a classe de jogo praticado pelos campeões antecedentes. Ou talvez por isso mesmo...

Preferências, recordações

Gosta do seu clube, da camaradagem que une os seus elementos e pensa que continuará e terminará ali a sua carreira

— E, depois do Unidos, qual é o clube da sua simpatia?

— O Sporting, responde-nos sem vacilar.

— Dos jogadores que têm sido seus adversários, quais aprecia mais?

— Carlos Pereira, Micael e Lemos, da Académica; os conterrâneos Azevedo e Moreira, e Graniza, do Olhanense; e muitos mais.

O futebol, como a todos os que o praticam, tem-lhe proporcionado já momentos agradáveis e horas aborrecidas. Entre os primeiros, recorda um desafio que disputou em Almada, contra o União Almadaense. Faltavam 25 minutos para acabar o jogo e os seus adversários ganhavam por 3 a 1. Até final, porém, as coisas modificaram-se de tal modo que João da Palma e os companheiros acabaram por ganhar por 7-3! Recordação desagradável, a duma visita ao Montijo, há quatro anos. O grupo local venceu



por 3-0, mas a maneira pouco amável como ele e os seus companheiros foram tratados pelo público constituiu, ainda, facto mais penoso do que a própria derrota...

O futuro...

Por último falámos do presente campeonato nacional.

A sua equipa não tem sido feliz, diz-nos. Mas tem esperanças de fugir ainda aos últimos lugares da classificação.

E legítimo que o ambicione.

Eis o pouco que nos disse o valeroso jogador barreirense, que espera continuar e «acabar» no seu actual clube, não seguindo o exemplo de outros seus conterrâneos...

Este interior direito pensa, pelo contrário, que permanecerá fiel aos ares da sua terra...

CARLOS CORREIA

Esgrema

A ACTIVIDADE DA FEDERAÇÃO

A nova direcção da Federação Portuguesa de Esgrema, a-pesar-das dificuldades que encontrou para o desenvolvimento da sua actividade, em virtude de alguns dos directores eleitos não terem ocupado ainda os lugares para que foram escolhidos, continua com os seus trabalhos para a presente época.

Encontram-se nomeadas as Secções de Trabalho e do Conselho Técnico. Este, sob a presidência provisória do sr. Arménio da Fonseca Lopes, vice-presidente da direcção, encontra-se formado pelos srs. António Mascarenhas de Menezes, Frederico Paredes, Raúl Pereira de Castro e João José de Avelar Machado, nosso prezado companheiro de trabalho. Quanto às primeiras, a Secção de Provas, ainda com a presidência provisória do sr. D. António de Almeida, actual secretário geral da F. P. E., está constituída pelos srs. Jorge Torreira de Sousa, João Vinha, António de Oliveira e José Palhoto. Compõem a Secção de Propaganda os srs. Albano Pimenta de Araújo, presidente, Fernando Pereira, Mário de Gouveia Homem e Reinaldo Monteiro e Manuel Castelo Branco, nossos estimados camaradas de jornalismo.

Taça «AVELAR MACHADO»

Começou antontem a disputa da Taça «Avelar Machado», instituída pelo Ateneu Comercial de Lisboa como homenagem ao chefe de redacção da Stadium e focando

Futebol em Espanha

Campeonato de Liga

Os desafios do último domingo — vigésima jornada da competição — forneceram os seguintes resultados:

- Betis, 1-Zaragoza, 1.
- Castellón, 3-D. Coruña, 1.
- Celta, 4-Barcelona, 2.
- A. Aviancion, 2-Madrid, 1.
- Español, 2-Granada, 1.
- Oviedo, 4-Sevilha, 4.
- A. Bilbao, 5-Valência, 1.

São dignas de realce a vitória de Bilbao sobre o Valencia, mais pela nitidez do resultado do que pelo desfecho da luta e o empate arrancado pelo Sevilha, em casa do adversário. O Barcelona desceu muito e o Bilbao distanciou-se.

A posição das equipas a seis jornadas do fim é esta:

- 1.º A. Bilbao, 30 pontos; 2.º Sevilha e Castellón, 25; 4.º Valencia, 24; 5.º Oviedo, 23; 6.º Barcelona e Celta, 22; 8.º Aviancion, 21; 9.º Español, 19; 10.º Coruña, 18; 11.º Madrid, 17; 12.º Granada, 15; 13.º Zaragoza, 10; 14.º Betis, 9.

a sua actividade de esgrimista, jornalista e dirigente. Regosijamo-nos sinceramente com o êxito obtido pelo Ateneu Comercial, pois a inscrição reúne avultado número de atiradores. As necessidades de paginação da nossa Revista não nos permitem fazer-lhe mais larga referência neste número. Voltaremos, pois, ao assunto na próxima semana — e com o merecido relêvo.



Dois "goals" no jôgo de Guimarães. Em cima, o último do Vitória, e, em baixo, o primeiro do Unidos

(Fotos Nagalhões)



O Campeonato de Futebol da Ala 2 da "M. P." Dois instantâneos do jôgo Casa-Pia — Pupilos



(Fotos Nunes d'Almeida)



F. C. do Pôrto Unidos do Barreiro Ao alto, à direita: o "goal" do triunfo barreirense; em baixo, uma defesa de Soares dos Reis II

(Foto Hermann)



Este cacho de jogadores no desafio de Olhão dá a ideia de como o "match" foi disputado

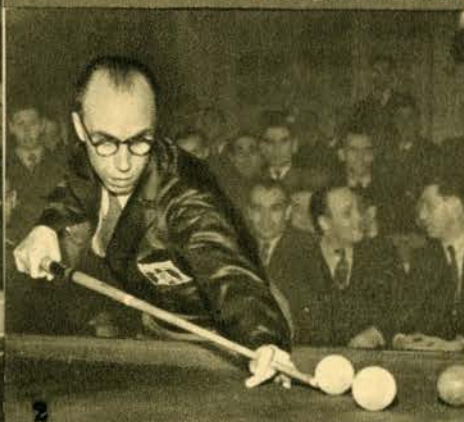
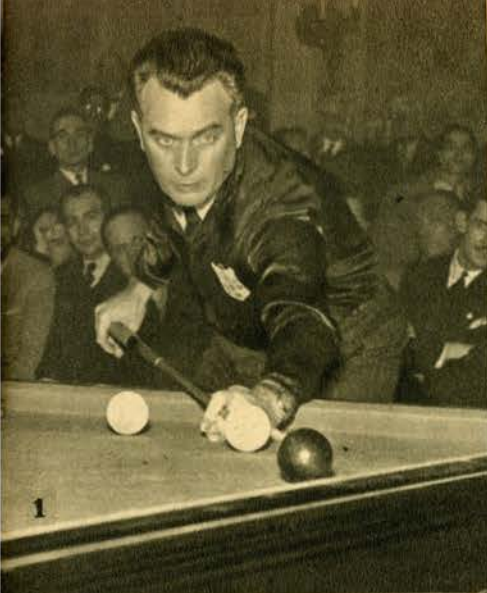
No jôgo final da III Divisão da A. F. L. — Um ataque do Palmense às redes de Cascais

(Fotos Imu)



No III Portugal-Espanha de bilhar

a representação do país visinho
conquistou um excelente triunfo



ASPECTOS DO ENCONTRO:
1—Alfredo Ferraz, actual campeão do mundo; 2—Juan Bofill; 3—Juaquin Domingo; 4—A assistência segue interessada o jogo de João Pereira; 5—Ferraz e Bofill; 6—Alabern e Clero; 7—Puigvert e João Pereira; 8—Amado e Domingo; 9—O microfone da Emissora Nacional transmite algumas palavras de J. Domingo.

(Fotos Nunes d'Almeida)



ANTÓNIO CARDOSO

(Conclusão da página 4)

em que pontificavam Silva Reisio, Basílio de Oliveira — o melhor «boxeur» português amador de sempre — Xavier de Araújo e Tobias Xavier...

Desportista eclectico — António Cardoso praticou de tudo — um pouco: «hockey», «rugby», «esgrima», «futebol», «boxing» e atletismo...

Em 1925 tomou parte no I «Match» Ibérico, tendo ganho o lançamento do péso. E dois anos mais tarde, no torneio de preparação para os Jogos Olímpicos de Amsterdã, lançou o péso em concorrência com o francês Raoul Paoli — que depois foi actor de cinema — e o campeão de Espanha da época. Perdeu por pouco com Paoli mas derrotou o espanhol... Nessa altura, António Cardoso — que era já um distinto oficial do Exército e se encontrava a prestar serviço em Viseu — veio propositadamente a Lisboa, por indicação do comandante Morais Sarmiento, um chefe militar que tinha dos desportos a noção exacta...

Como principiou António Cardoso a sua carreira de desportista? Da maneira mais simples e inesperada... Era nesse tempo estudante no liceu de Viseu — e ali praticava o futebol e o atletismo, principalmente, tendo pugnas venidas com Santos Cunha, um «sprinter» ignorado mas fantástico de poder e de velocidade! Perdia sempre — mas não desistia... E em 1913 veio para Lisboa, a fim de cursar Direito. Foi hóspede do dr. António Martins — permitindo-lhe tal circunstância ir um dia até às Laranjeiras para viver como era aguilão! Manifestou interesse pelo treino e quis experimentar... Correu 100 metros, deixando Manuel Correia atrás de si! Era uma revolução, um valor novo que despertava... E Correia Leal e Nobre Guedes — que assistiam — vaticinavam-lhe desde logo um brilhante futuro.

Assim começou António Cardoso! Afirmando-se desde logo. Impoñdo o seu valor — que confirmava à medida que entrava em provas. A sua estreia oficial verificou-se, porém, nos Jogos Desportivos do Benfica — no velho campo da Avenida Gomes Pereira — em que pela primeira vez calçou sapatos de bicos! Mesmo assim bateu Correia Leal, seu companheiro de equipa, por um péso — 100 metros muito disputados — mas deram-lhe a classificação «ex-aequo», uma decisão do júri que provocou alborço...

Depois, foi uma carreira triunfal durante muitos anos! Até que um dia teve de abandonar — como sucede sempre... — porque as necessidades imperiosas da vida não se compadecem nunca com a vontade de cada um! E a idade também não perdona... Mas ficou-lhe a convicção de ter sido «grande» no desporto, de ter criado fama que não esquece.

Oficial distinto do Exército Português, o tenente António Cardoso teve de «pensar na vida» e abandonar a actividade desportiva! Nomeado administrador do concelho de Cascais em 1928 deixou, a partir de então, de praticar o atletismo — sua modalidade favorita — passando a ocupar um lugar na vida pública.

Concurso do

«Goal da Vitória»

TEM sido em tão grande quantidade os cupões recebidos ultimamente, que, mau grado nosso e apesar do inevitável «reforço de braços», NÃO FOI POSSÍVEL ORGANIZAR A LISTA DOS CONCORRENTES CONTEMPLADOS NA SEXTA JORNADA!

Isto demonstra claramente o êxito do concurso e obriga-nos a guardar para o próximo número a publicação dessa verdadeira «avalanche» de nomes. E se o atraso nos penaliza, devemos confessar, também, que de certo modo o êxito da iniciativa nos causa júbilo, pois ultrapassa quanto poderíamos imaginar.

Na última relação de prémios publicada — referente ao cupão n.º 5 — houve um lapso na indicação do nome do jogador que marcou o «GOAL DA VITÓRIA» do Benfica: foi TELXEIRA e não Julião o seu autor. Aqui fica, portanto, a rectificação.

Continuam a afluir à nossa banca de trabalho diversas sugestões, que não podemos atender. O regulamento tem sido publicado na íntegra por mais duma vez (ainda se verifica isso no último número) e por ele é que se orienta o CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA». Portanto, todas as sugestões apresentadas deixam de ter cabimento, sabendo-se que o regulamento não pode sofrer NENHUMA alteração.

A propósito, porém, digamos que um concorrente certo, o sr. José Gonçalves Ribeiro, de Gaia, nos apresenta uma sugestão realmente interessante — mas que não podemos aproveitar sem o assentimento de todos... E de resto os prémios são para distribuir por aqueles que a eles têm direito!

Diz-nos o aludido senhor que SE TODOS DESISTIREM DOS PRÉMIOS PEQUENOS — SIMPLES TOSTOES A MAIS OU A MENOS! — E FIZESSEM COM QUE A IMPORTANCIA TOTAL, N ESSAS CIRCUNSTÂNCIAS MAIOR, REVERTESSE A FAVOR DA «CASA DO VENDEDOR DE JORNAIS» era de mais utilidade e melhor efeito, por constituir subsídio para uma obra de justiça; e acrescenta, dogmáticamente profeta: SE RECEBERMOS O PRÉMIO EM DINHEIRO... NÃO É NADA; MAS SE O DERMOS JUNTO PARA OS «ARDINAS» É MUITO...

Claro que a «idéia» é simpaticíssima; e contudo apenas nos é dado registar a intenção — porque os prémios não são NOSSOS mas sim DOS CONTEMPLADOS e a estes compete fazer deles o que quiserem...

Mas legou ao desporto um sucessor: seu filho. É um rapaz de 22 anos — António Sérgio Pereira Cardoso — cadeta da Escola Naval e o aluno que na última época maior número de provas ganhou...

Ora como é velho o adágio de que «filho do peixe sabe nadar» — é natural que o filho de António Cardoso venha a ser, também, um atleta famoso — como o foi seu pai Para honra da família e glória do desporto...

JORGE MONTEIRO

TÊNIS DE MESA

Triunfo global do Benfica no undécimo Campeonato de Lisboa

TERMINOU na última semana o XI Campeonato lisboeta de ping-pong. Durante dois meses a prova movimentou cerca de trinta clubes e seiscentos jogadores — números concludentes quanto à expansão alcançada pela modalidade nos últimos tempos.

A competição de 1942-43 não foi melhor nem pior do que as anteriores. Em quantidade equivalente-se; em qualidade manteve-se o nível da temporada finda. Duas ou três «esperanças» que apareceram não chegaram para que se possa apreço progresso.

Em cada um dos agrupamentos da Associação — por convenção designados «Divisões» — só dois dos seis clubes se apresentaram em condições de aspirar ao título. Os restantes pensavam mais em fugir ao último lugar do que a qualquer outra coisa. Fácil se torna, portanto, adivinhar que o campeonato teve, apenas, regular interesse.

Valou a circunstância de nas três principais Divisões ter havido necessidade de desempates para que os torneios ganhassem um pouco de animação, tanto mais que não foi só para apuramento dos vencedores que houve precisão desses encontros suplementares.

As inúmeras transferências de jogadores de primeiro plano para clubes da Promoção enfraqueceram notoriamente outros grupos de renome na modalidade, como o Matadouro e os Combatentes. O Internacional também perdeu alguns dos seus melhores elementos. Implícitamente, a Promoção deve ter-se valorizado, sendo de admitir que o contacto dalguns novos com êsses consagrados tenha sido benéfico.

O 3.º Portugal-Espanha de bilhar

(Conclusão da página 3)

marca melhor os autênticos campeões. Como Domingo, grande em todas as modalidades. A «fera» — a verdadeira «fera»... A vitória de Bofill foi um episódio a que retiraram significado as condições em que foi possível.

Bofill revelou-se um lutador imperturbável, dominando muito bem o jogo largo. As suas bolas «cortas» são infalíveis. Algumas delas de cabeceira a cabeceira para colher a bola 3 no meio daquele oceano verde do bilhar grande galvanizaram a assistência, que as aplaudiu calorosamente. Impressionou. A sua atitude de elegância desportiva ao declarar-se pronto para repetir a partida que o adversário protestara causou agrado.

PARTIDA AO QUADRO 45/2

Domingo-Amado

C.	C.	T.
400	310	37
400	92	12
400	221	20
1.200	623	69

Média geral: 17,391-9,028.

Média geral internacional: 12.

Domingo, um «grande de Espanha» na arte de carambolar. Exe-

O desenrolar dos vários torneios e o valor revelado pelas equipas concorrentes, permite a afirmação de que os títulos estão bem entregues.

A lista dos vencedores é a seguinte:

Divisão de Honra — Benfica, nas quatro categorias.

I Divisão — Campo de Ourique (1.º), Internacional (2.º e 3.º) e Ateneu Comercial (4.º).

II Divisão — Picheleira (1.º, 3.º e 4.º) e Campo de Santana (2.º).

O desempate entre «leões» e «encarnados» constituiu o acontecimento máximo da temporada. Expectativa, emoção, entusiasmo — nada disto faltou.

Técnicamente, porém, a luta pouco valia. Dos seis jogadores que disputaram a final apenas um esteve à altura da situação. Foi êle Fernando de Oliveira Ramos, cuja exibição pode considerar-se realmente boa. Conhecimentos de jogo, calma, variedade de golpes e sua perfeita execução, de tudo Oliveira Ramos se mostrou possuidor.

Carlos Feio, Júlio Costa e Francisco Campos, jogadores de ataque, revelaram destembeleamento. A sua toada resulta produtiva quando os golpes são executados com consciência e não como êles a adoptaram: «puxação» sobre «puxação» para a rede ou para fora.

O «assento» com que Gago da Silva e Gomes da Silva se exibiram, valorizou a sua acção. Foram incontestavelmente jogadores mais equilibrados, quer a atacar, quer a defender.

marca melhor os autênticos campeões. Como Domingo, grande em todas as modalidades. A «fera» — a verdadeira «fera»... A vitória de Bofill foi um episódio a que retiraram significado as condições em que foi possível.

Bofill revelou-se um lutador imperturbável, dominando muito bem o jogo largo. As suas bolas «cortas» são infalíveis. Algumas delas de cabeceira a cabeceira para colher a bola 3 no meio daquele oceano verde do bilhar grande galvanizaram a assistência, que as aplaudiu calorosamente. Impressionou. A sua atitude de elegância desportiva ao declarar-se pronto para repetir a partida que o adversário protestara causou agrado.

RESULTADO FINAL DA COMPETIÇÃO

Espanha: 8 vitórias (3 de Domingo, 3 de Puigvert, 1 de Clerc e 1 de Bofill). Portugal: 4 vitórias (2 de Ferraz e 2 de Alabern). Jogadores sem derrotas: Domingo e Puigvert.

G. O.

A NDA tudo acabrunhado com a infelicidade que está perseguindo o F. C. P. Cada cabeça, cada sentença. E chovem os conselhos, as críticas, os comentários, atribuindo a «isto» e «aquilo» o azar.

Quanto a nós, que nos temos limitado a ouvir as opiniões de cada um, continuamos a afirmar que o erro vem das épocas transactas. Já o temos dito — e os factos estão a dar-nos razão.

Talvez que em Portugal nenhum clube de futebol tivesse a sua vida tão escarpada, tão dissecada, no teatro anatómico da má língua, como o F. C. P.

Culpados? Não o é ninguém — e é toda a gente. Dirigentes, jogadores, sócios e jornalistas, todos concorreram para o «desfazer de feiras» em que se esfrangalha a reputação, o brio, o pondus de um clube que foi dos maiores, dos mais brilhantes, o mais regular de Portugal.

Os dirigentes vêem mal, os jogadores cumprem pior, os sócios só se lembram de palmejar, aplaudir e apoiar quando o grupo vai em «amaré de rosas». Agora não há «flamulas azuis», não há «falanges», não há ninguém. Uma excepção: José Moreira. A sua voz continua bradando, mesmo na hora amarga da derrota: Pôrto! Pôrto! Pôrto! É um símbolo de dedicação clubista, e daí a razão d'este parêntesis.

Ninguém calcula o prejuízo que sofreu, moralmente, o F. C. P. com estas últimas duas derrotas. Argumentar-se-á que não houve culpa, que foi um facto imprevisível, que dois guarda-rédes desapareceram de um instante para o outro. Não concordamos. Um clube como o nosso campeão tem o dever, tem a obrigação de estar precavido para todos os desaires. E o resultado foi o que se viu. Bela já não estava em forma, Bela era um homem «queimado». Valongo estava a ganhar confiança. Que se fizesse para prevenir um acidente? Nada. Mas passemos das rédes para os outros sectores: a defesa, a meia defesa, o ataque — estavam em forma? Não há ninguém que tenha a coragem de dizer que sim. O grupo fartou-se de levar remendos durante todo o campeonato regional. E a levar remendos há-de terminar a competição desta época.

O erro vem de há anos. Distra de quando deixou de haver quem «fabricasse» jogadores nas categorias inferiores. Distra do momento em que se pensou ir à «pesca», buscar os «reforços» indispensáveis.

Stadium na Capital do Norte

Notas... sem valor

A falta de defensores das balizas é um facto. Por isso as «rédes» trabalham já. Como há «belas» com senões, e em «valongo» as coisas correm mal, batem-se agora os «matos»... Picará ou «será fino» para fugir à isca?

— Resultado do jogo: 165-28!!! Esta foi maior do que a do Benfica-Pôrto... Foi em «basket». Que pena!

— Dizem que o futebol não tem lógica. Protestamos. Um exemplo: as «primeiras» do Leixões perderam por 0-6; as suas «reservas», logicamente, também deixaram de ganhar por 6-0. Há ou não há lógica?

— Outro exemplo: O F. C. P. perdeu com o Benfica por 12-2. Diz-se que o factor ambiente vale 50 por cento para um grupo. E, assim, o F. C. P. deveria perder, com os Unidos de Lisboa, por 6-1. Mas como «estes» foram o que se viu, para compensar a sua «zelellice» sofreram mais um ponto e o fecho foi 6-2. Há ou não há lógica?

— Já repararam que as bolas, agora, fazem «negaças» aos guarda-rédes. Ou escapam das mãos ou saltam por cima dos dedos. Nem por um «luís» se deixam agarrar...

— No campo da Constituição, entre jornalistas: «Pergunta para Lisboa por quantos ganha o Pôrto, em «primeiras», na capital; as «reservas» estão aqui a perder.»

Resposta de um outro: «As «primeiras» ganharam ao Boavista por 2-1.»

RYALTO

Esqueceram os que dirigem, imperdoavelmente, que o clube não é déles, mas que é da cidade, desta terra que tem honrado, que tem feito delirar em tantas e tantas tardes de glória, de que é o orgulho, brio dos «tripeiros». Pode o clube não lhes tomar contas dos seus erros, mas a cidade exige-lhes severas contas, atira-os ao pelourinho da indignação popular e pergunta-lhes: — «Que fizestes do glorioso Futebol Clube do Pôrto?»

M. A.

Campeonato de HANDBALL

INICIOU-SE a competição oficial da A. H. P.

A prova deste ano, na 1.ª Divisão, concorrem os mesmos clubes da época anterior. A 2.ª Divisão foi dividida em «séries», por conveniência da deslocação dos grupos, e consta de: Série A — Salgueiros, Alegria, Ferroviários e Pac; Série B — Senhor: da Hora, Racing, Leixões e Leça; Série C — Académica de Espinho, Gaia e Candal.

Na divisão superior, o F. C. do Pôrto, que teve no início dois dos adversários mais difíceis, saiu-se bem, com vitórias indiscutíveis, a denunciarem nêle o provável campeão.

O Académico, embora tenha obtido triunfos sobre o Sport e o Vilanovense, não correspondeu. O grupo está sensivelmente inferior ao da época anterior.

O Fontainhas e o Vigorosa, mais este que o primeiro, reúnem as melhores qualidades para o 2.º posto. O Sport, o D. Portugal, o Boavista e o Vilanovense formam o cortejo dos grupos mais fracos.

Eis o que, a traços largos, se pôde ajuizar de duas jornadas.

O jogo Pôrto-Fontainhas, que terminou 10 minutos antes da hora, por erro do árbitro, constitui um «bico de obra» para a Associação, principalmente depois da mutilação que fizeram aos regulamentos da A. H. P.

No entanto, as pessoas encarregadas de estudar o assunto, pela sua competência, devem sair-se bem da tarefa.

Edgar Fernandes vem desde há semanas, em palestras técnicas, elucidando o reduzido lote de árbitros do Pôrto.

Embora muito úteis para este desporto, essas preleções não atingem o verdadeiro fim, uma vez que os árbitros têm, em inúmeros casos, de recorrer a critérios pessoais, sempre falíveis, que dão origem a muitos protestos. O problema resolvase, na sua essência, pondo de parte a ideia de «critérios» e fazendo vigorar apenas, como são espírito, o conceito da «interpretação» pura das leis que regem o handball.

O princípio deve ser só um: onde há «interpretação» não pode haver «critérios».

A interpretação extrai-se da lei; o critério inventa-se à margem dela — pelo que é condenável.

Saudações à «STADIUM»

Informam-nos as direcções da Associação de Pugilismo de Lisboa, Sport Algés e Dafundo, Leiria Ginásio Clube e Sport Lisboa e Lapa de que foram aprovados, em assembleia geral de cada um daqueles organismos, votos de louvor e de saudação à nossa revista pelo seu reaparecimento.

A todos — muito obrigado.

Vinte anos atrás...

FEVEREIRO DE 1923

— No domingo 4, em Anvers, a Bélgica venceu a Espanha, em futebol, por 1-0.

— Para o campeonato de Lisboa, o Casa Pia e o Carcavelinhos derrotaram, respectivamente, o União Lisboa, por 4-1, e o Vitória, por 3-2.

— No Pôrto, também para o torneio regional, verificaram-se os seguintes resultados: Progresso, 4, Académico, 0; Sporting de Espinho, 2, Vilanovense, 0.

— Na Assembleia Geral do S. L. e B. foram eleitos os novos corpos gerentes, assim distribuídos.

Assembleia Geral — drs. Mascarenhas de Melo e Alberto Lima, João Persónio e Francisco Freire.

Direcção — Bento Mantua, Cosme Damião, Eduardo Martins Pereira, Hídio Nogueira e Mário Dias Costa.

Conselho Fiscal — Cosme Damião, António Ribeiro dos Reis e Alfredo Ribeiro Ferreira.

— No domingo 11, terminou em Barcelona, o campeonato mundial de ténis em «courts» cobertos (que começara no dia 1), com os seguintes resultados nas «finais»: Cochet (francês) venceu Gilbert (inglês) por 6-4, 5-7 e 6-4. Miss Mac Kane (inglesa) venceu Mrs. Bedmisk (também inglesa) por 6-3, 4-6 e 6-2.

Cochet e Couiteas (franceses) venceram Tegner e Roosing (dinamarqueses) por 6-1, 1-6 e 7-5. Crawley e Miss Mac Kane (ingleses) venceram Gilbert e Mrs. Beamisk por 3-6, 6-3 e 6-3.

— Por ser domingo de Carnaval não houve no nosso país qualquer manifestação desportiva digna de referência.

— Em 18, para os respectivos campeonatos, o Boavista venceu o Leixões, por 6-2, o F. C. do Pôrto bateu o Salgueiros por 2-0, e o Belenenses derrotou o Internacional, por 5-1.

— Também o Benfica e o Sporting se defrontaram nas Laranjeiras, sob a arbitragem de Silvestre Rosmaninho. Registou-se um empate, sem «goals», mas os «leões» protestaram o jogo, com a alegação de que lhes tinha sido rejeitada uma bola que consideravam obtida legalmente. O protesto foi julgado improcedente.

Neste jogo alinharam: pelo Benfica — Francisco Vieira; Herculano Santos e Alberto Augusto; Fernando Jesus, Vitor Gonçalves e Vitor Hugo; Hídio Moura, José Simões, Ribeiro dos Reis, Crespo e Iglezias. Pelo Sporting — Amadeu Cruz; Joaquim Ferreira e Jorge Vieira; Francisco Stromp, Filipe e Portela; Torres Pereira, Jaime, João Francisco, Emílio Ramos e Leandro.

— No domingo 25, a Bélgica venceu a França, em futebol, por 4-1.

— Para o campeonato lisboeta o Império venceu o Internacional, por 2-0, e o Sporting bateu o Belenenses, por 2-1.

— Realizou-se o funeral do prof. dr. Aurélio da Costa Ferreira, que fora director da Casa Pia de Lisboa e grande amigo do desporto.

Gráfica Santelmo

Impressos em todos os géneros

Rua de S. Bernardo, 84

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»	
(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)	
BOLETIM N.º 8	
GAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL 8.ª JORNADA	MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»
SPORTING — BENFICA	_____
UNIDOS (do Barreiro) — BELENENSES	_____
UNIDOS — LEIXÕES	_____
F. C. PORTO — ACADÉMICA	_____
VITÓRIA — OLHANENSE	_____
Nome do concorrente _____	
Marada _____	
<small>NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a marada do concorrente serão inutilizados. Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.ª). Imperivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.</small>	



No jogo do Campo Grande, entre o Benfica e o Leixões, Couto, "keeper" portuense, não teve sossego!

Das fotos verifica-se isso mesmo. Quatro defesas, qualquer delas de apuro, na de baixo com o golão à vista...

(Fotos Maniqua)



Stadium